

Todas as vezes que...: a repetição entre o passado, o presente, o futuro temido e o futuro potencial na experiência analítica: comentário*

*Viviane Sprinz Mondrzak** , Porto Alegre*

O presente comentário foi apresentado como introdução ao debate do trabalho Todas as vezes que...: a repetição entre o passado, o presente, o futuro temido e o futuro potencial na experiência analítica de Stefano Bolognini. Entre outros pontos, procura discutir a visão da psicanálise atual sobre o fenômeno da repetição, questionando a possibilidade de que algo possa ser realmente repetido no mesmo formato. Destaca a importância de se verificar como se repete, se de forma a promover crescimento ou de forma estereotipada. Traz ainda algumas contribuições de Matte-Blanco que se referem ao tema da temporalidade psíquica, procurando cotejar com o conceito de consubstancialidade apresentado no trabalho em discussão.

Descritores: Compulsão à repetição. Transferência. Temporalidade.

* Comentário ao trabalho intitulado *Todas as vezes que: a repetição entre o passado, o presente, o futuro temido e o futuro potencial na experiência analítica* apresentado por Stefano Bolognini em atividade realizada pela SPPA em 04 de maio de 2006.

** Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Este comentário tem como objetivo introduzir a discussão do trabalho e do tema em geral, trazendo os aspectos que correspondem a uma seleção pessoal. Esta seleção não foi simples, porque este é um trabalho que apresenta um *concentrado* de inúmeras idéias a serem desenvolvidas e discutidas, além de material clínico descrito de forma vívida.

Começemos falando sobre a *repetição*. É destacada, no trabalho, uma tendência no pensamento psicanalítico atual a enfatizar o aspecto *positivo* deste conceito, o que por si só é útil e importante, já que abre perspectivas diferentes e mais de acordo com os achados clínicos. No entanto, há o risco, muito bem apontado no texto, de *açucarar* o conceito (assim como ocorre com outros) e a consequência inevitável de que se tenha uma visão do funcionamento mental na qual a ambivalência fique implicitamente relegada a uma posição secundária. O problema implícito nesta discussão é que pressupõe que tenhamos que nos posicionar moralmente a respeito de um processo mental, positivo ou negativo e não, justamente, o duplo e paradoxal caráter do fenômeno, que raramente pode ser encontrado em estado puro. Portanto, não seria necessário que nos aproximássemos do fenômeno sem esta perspectiva de julgamento de valor? Isto faria diferença na clínica, na forma como compreenderíamos nossos pacientes? Mas seria possível esta aproximação do psíquico sem um julgamento de valor implícito? Sem uma visão otimista ou pessimista, apenas realista, na qual a repetição seria vista como um fenômeno necessário e inevitável do funcionamento psíquico, com sua dupla natureza?

Com isto me adianto para salientar o que me parece um dos pontos fundamentais deste trabalho, expresso no último parágrafo, onde é destacado que o que importa é *como se repete*.

Assim, nós, psicanalistas, repetimos. Hoje, aqui, estamos repetindo a discussão sobre conceitos a respeito dos quais já muito se discutiu. Repetimos para elaborá-los, para verificarmos se continuam válidos no mesmo formato, para assimilarmos mudanças possíveis. Mas também nós psicanalistas repetimos de modo mortífero, sempre que nossas discussões são mecânicas, áridas, com o único propósito narcísico de enaltecermos a correção de nossas posições.

Na clínica, também repetimos e podemos fazê-lo de formas diversas e somos destrutivos com nossa técnica sempre que repetimos sem crítica, apenas para nos inserirmos nos *standards* considerados adequados e nos mantermos no prazer que nos proporciona a ilusão de estarmos seguros e protegidos em nossa técnica.

A visão do funcionamento psíquico em Freud (1915), a partir do pulsional, é de um sistema extremamente conservador. Sempre que evita o novo, o paradoxo,

sempre que predomina o pressuposto de fixidez, a repetição nega o tempo. O que se repete é como se fosse vivido pela primeira vez, como se nunca tivesse sido, como se fosse sempre presente. No entanto, o tempo está passando, mesmo sendo negado. Portanto, podemos pensar que é possível uma repetição sem qualquer elemento alterado?

Ainda seguindo no tema da temporalidade, penso que o básico do trabalho (e muito bem expresso nos exemplos clínicos) nos remete à possibilidade de o analista integrar as várias temporalidades implícitas no psiquismo e presentes na sessão, expressa na noção de consubstancialidade; refere-se, em última instância, ao estado mental do analista para observar seu objeto de estudo, antes de poder formular (ou não) uma interpretação.

Matte-Blanco (1975) é um autor que auxilia a pensar sobre este tema. Para ele, se fosse possível fazer um corte longitudinal na mente, veríamos funcionando, ao mesmo tempo, vários níveis de combinações simetria/assimetria, correspondendo a diferentes *temporalidades*, desde um estrato teoricamente atemporal (o *mais inconsciente*, que registraria apenas homogeneidade), até um nível onde se registraria presente, passado e futuro, de uma temporalidade medida pelo relógio. Assim, numa sessão, teríamos estes vários níveis presentes, o que de saída já levanta a questão se podemos interpretar em tempos diferentes ou apenas o presente, mesmo que falando de passado ou futuro. O conceito de consubstancialidade me pareceu corresponder à possibilidade de o analista integrar estes vários níveis, registrando a homogeneidade entre eles sem confundi-los. A este respeito, Matte-Blanco (1975) destaca a importância da simetria (que abole diferenças e registra apenas as identidades) para os raciocínios mais abstratos. Por exemplo, para entendermos conceitos como *humanidade, fraternidade, amizade*, é necessário que possamos estabelecer identidades: o elemento comum a todos, que forma a categoria *amigo*, sem confundir um amigo com outro.

Uma questão surge naturalmente: o que é necessário para que esta capacidade possa ser desenvolvida, para que possamos observar simetricamente, registrando o homogêneo em todas as formas de apresentação temporal, sem perder de vista o tempo real, da rotação da terra, marcado pelo tempo de duração de uma sessão? Como a teoria implícita da mente e do método psicanalítico pode influenciar o modo como observamos? Esta perspectiva de *consubstancialidade* não seria essencial para a percepção de outros aspectos além do tempo?

É destacada ainda no texto a importância da passagem dos anos, do envelhecimento, para uma melhor compreensão dos vários tempos psíquicos. Além disso, sabemos que a própria percepção subjetiva de tempo está relacionada a vários elementos, entre eles a faixa etária. No entanto, podemos creditar à passagem do

tempo o papel fundamental para que possamos abarcar *consustancialmente* nossas várias dimensões temporais e, portanto, as dos pacientes? A passagem do tempo poderia, por si só, ser um elemento ativo, como diz a voz da sabedoria popular: *o tempo tudo cura*? Sem dúvida é um elemento importante, já que só após muito tempo nos sentimos seguros de nos afastarmos de algumas regras sem perdermos a identidade analítica. Mas se consideramos que não é um elemento suficiente, como nos treinarmos a observar com o mínimo de memória e desejo, afrouxando cadeias lógicas seguras? É possível que estas capacidades sejam transmitidas, desenvolvidas? Como nos formamos psicanalistas e como formamos psicanalistas? É claro que um trabalho de repetição e elaboração está no cerne desta formação. Como evitar os ciclos repetitivos malignos, ou ao menos perceber quando estamos presos em um deles? Considerando-se um tempo intergeracional, o que se pretende e o que se pode transmitir numa supervisão: as tradições, a forma pessoal de trabalhar, uma forma psicanalítica de observar e interpretar?

O último ponto a ser levantado se refere a uma questão técnica específica, que surge, neste trabalho, a partir da discussão do material de uma supervisão e que se relaciona diretamente com repetição e *temporalidade*: refiro-me ao status da interpretação transferencial clássica na teoria da técnica atual. Percebem-se, na literatura psicanalítica atual, formas diferentes de abordar o tema *transferência* e sua utilização técnica. Para alguns (Ferro, 1998), a identificação projetiva é o conceito que assume a primazia, porque seria o mecanismo através do qual se daria a comunicação analista-paciente, permitindo não apenas a percepção da transferência e da contratransferência, mas do clima emocional que vigora num determinado momento naquela relação. A recomendação técnica clássica de interpretação sistemática da transferência, considerada o diferencial de uma psicanálise, também parece não estar presente como antes. Goldberg (2000), a propósito desta questão, diz só ter encontrado em Gill a ênfase na resolução da transferência por meio da interpretação. Em sua revisão, aponta autores que discordam da noção de transferência – Aron – e outros que propõem sua substituição pela interação paciente-analista – Mitchell. O conceito de neurose de transferência é, inclusive, considerado por alguns (Cooper, 1987a, 1987b) como *pronto para a aposentadoria*. A visão do funcionamento da mente, trazida por Matte-Blanco (1975), traz elementos importantes para esta discussão. Para ele, o funcionamento simétrico, característico dos processos inconscientes, não discrimina indivíduos, apenas classes proposicionais, que se multiplicariam ao infinito. Assim, a atualidade da transferência, as recordações do passado e a vida atual do paciente seriam fatores das mesmas funções proposicionais inconscientes, atemporais, sem uma hierarquia entre interpretação transferencial e extratransferencial e o essencial

seria um enfoque interpretativo capaz de abranger estas várias áreas presentes sempre na mente. Assim, cabe discutir o status da interpretação transferencial na teoria da técnica atual. Não a centralidade da experiência analista-paciente, marco diferenciador da psicanálise, mas da recomendação tradicional de interpretar sistematicamente a transferência com alusões diretas à pessoa do analista.

Muitas outras questões poderiam ser discutidas ainda. Este trabalho tem o mérito de produzir inquietações, evitando repetições estereotipadas. □

Abstract

Every time that...: the repetition of the past, the present, the feared future, and the potential future in the analytical experience: comment

This comment was presented as an introduction to the debate of the work *Every time that...: the repetition of the past, the present, the feared future, and the potential future in the analytical experience* by Stefano Bolognini. Among other issues, it attempts to discuss the nowadays psychoanalytic vision on the repetition phenomenon, questioning the possibility that something can really be repeated in the same format. It highlights the importance of verifying *how* it is repeated, if it promotes growth or does it in a stereotyped way. It also brings some contributions from Matte-Blanco related to the theme of psychic temporality, comparing it with the concept of *consubstantiality* presented in Bolognini's paper.

Keywords: Compulsion to repetition. Transference. Temporality.

Resumen

Todas las veces que...: la repetición entre el pasado, el presente, el futuro temido y el futuro potencial en la experiencia analítica: comentario

El presente comentario fue presentado como introducción al debate del trabajo *Todas las veces que...: la repetición entre el pasado, el presente, el futuro temido y el futuro potencial en la experiencia analítica*, de Stefano Bolognini. Entre otros puntos, busca discutir la visión del psicoanálisis actual sobre el fenómeno de la repetición, cuestionando la posibilidad de que algo pueda en realidad ser repetido de la misma forma. Destaca la importancia de la averiguación respecto a *como* es la repetición, si es de forma a promover crecimiento o en forma estereotipada. Trae también algunas contribuciones de Matte-Blanco que se refieren al tema de

la temporalidad psíquica, buscando cotejar con el concepto de *consustancialidad* presentado en el trabajo en discusión.

Palabras llaves: Compulsión a la repetición. Transferencia. Temporalidad.

Referências

- COOPER, A. (1987a). Transference interpretation. *J. Am. Psycho-anal. Ass.* v. 35, p.77-98.
- _____. (1987b). The transference neurosis: a concept ready for retirement. *Psychoanalytic Inquiry*. v.7, p. 569-585.
- FERRO, A. (1998). *Na sala de análise*. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1915). O inconsciente. *In: Obras Completas*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- GOLDBERG, A. (2000). Desconstruindo a dialética. *Livro Anual de Psicanálise*. v. 14, p. 67-77.
- MATTE BLANCO, I. (1975). *The unconscious as infinite sets*. Londres: Duckworth.

Recebido em 17/09/2006

Aceito em 19/09/2006

Viviane Sprinz Mondrzak

Rua Teixeira Soares, 28/401

90440-140 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: mondzak@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA